

# PENSANDO OS LIMITES E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*THINKING THE LIMITS AND THE  
CHALLENGES FOR KNOWLEDGE  
PRODUCTION ABOUT PHYSICAL  
EDUCATION IN CHILD EDUCATION*

Graciele Pereira Lemos **1**  
Jonatas Maia da Costa **2**

**Resumo:** Trata-se da resenha do livro “No palco da infância: movimento, ritmo e expressão corporal na Educação Infantil”, organizado pelas professoras Ida Carneiro Martins e Roberta Gaio. Um conjunto de textos é apresentado observando os limites e desafios ao se explorar o movimento nas aulas de Educação Infantil. O livro dispõe de uma compilação de temas transversais ao contexto do trabalho pedagógico na infância que contempla tanto a Educação Física quanto à Pedagogia, de maneira a demonstrar potencial no sentido de se tornar um profícuo material de estudo para professores e acadêmicos.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar. Educação Infantil. Infância.

**Abstract:** This is a book review of “On the stage of childhood: movement, rhythm and corporal expression in children’s education”, organized by the teachers Ida Carneiro Martins and Roberta Gaio. A set of texts are presented observing the limits and challenges when exploring the movement in the classes of Child Education. The book presented a syncretism of transversal themes to the context of the pedagogical work in childhood that contemplates Physical Education and Pedagogy, it shows potential to become a useful study material for teachers and academics.

**Keywords:** Physical School Education. Child Education. Childhood.

---

Mestre em Educação Física escolar pela Universidade de Brasília, **1**  
professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3046332073652804>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4953-9117>.  
E-mail: [gracilemos@yahoo.com.br](mailto:gracilemos@yahoo.com.br)

Doutor em Educação pela Universidade de Brasília, professor da **2**  
Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8760145625809070>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5028-3630>.  
E-mail: [jonatascosta@unb.br](mailto:jonatascosta@unb.br)

O presente texto é fruto de reflexões advindas do estudo aprofundado da obra “No palco da infância: movimento, ritmo e expressão corporal na Educação Infantil” organizado pelas professoras Ida Carneiro Martins e Roberta Gaio e publicada pela editora curitibana CRV, em 2017. Logo à partida, vale alertar que nossa pretensa contribuição segue no sentido de apresentar e discutir o conjunto de textos que perfazem a obra, boa parte deles frutos de pesquisas referenciadas em programas de pós-graduação e que tomam como objeto a interface do movimento e a expressão corporal na Educação Infantil.

À guisa de justificar nosso interesse em resenhar o supracitado livro, ressalta-se a pauta da Educação Física escolar no que se refere a sua inserção na Educação Infantil. Embora tal pauta não seja nova no que tange aos estudos pedagógicos da Educação Física, ela ainda nos parece emergente e diríamos, também, incipiente do ponto de vista teórico. Ademais, o contexto sócio-histórico que abarca a Educação Física enquanto componente curricular (campos de conhecimento conforme a BNCC) na Educação Infantil não se faz presente em todos os estados brasileiros, a despeito das normatizações que se constituíram com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (AYOUB, 2001).

Existem, ainda, outras importantes discussões que complexificam a produção de conhecimento em torno da relação Educação Física e Educação Infantil. Por exemplo, os aspectos pedagógicos do trato da Educação Física com a escolarização de crianças pequenas, que guardam tensões históricas frente as suas apropriações científicas sobre o desenvolvimento das teorias de aprendizagem, sobretudo no que diz respeito à base biologicista presente e hegemônica na Educação Física (SAYÃO, 2002); ou mesmo o controverso e ainda não resoluto debate sobre a presença do professor de Educação Física integrado ao projeto pedagógico da Educação Infantil nas escolas (CAVALARO; MULLER, 2009). Tais aspectos contribuem para apontar os limites e desafios presentes em torno da produção de conhecimento da Educação Física escolar, quando esta, se vincula à Educação Infantil. Nesse sentido, vemos como profícuo o projeto desenvolvido por Martins e Gaio (2017) e que resultou no produto de um livro – objeto de nossa análise – que certamente contribuirá para o recrudescimento da formação de professores, especialmente no que diz respeito aos aspectos teórico-metodológicos, como será visto a seguir.

Destacamos a história de engajamento profissional e acadêmico das supracitadas organizadoras do livro e suas orgânicas relações de investigação científica no âmbito da prática pedagógica e formação para o trabalho da Educação Física com crianças pequenas. Tanto Ida Carneiro Martins como Roberta Cortez Gaio são formadas em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Ida fez seu mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), enquanto que Roberta tornou-se mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Também na UNIMEP as duas professoras tornaram-se doutoras em Educação. Atualmente trabalham como docentes e pesquisadoras na Universidade Nove de Julho (SP).

O livro é uma coletânea de textos que trata do movimento e de sua estreita relação com a infância. As autoras organizaram a obra – de forma bastante criativa – como um verdadeiro espetáculo, estando os capítulos divididos em “dois atos”. O primeiro ato tem por objetivo situar o leitor sobre o espaço que a infância ocupa dentro da Educação Infantil a partir de uma discussão teórica. Esta contextualização acontece em cinco cenas, quais sejam: a) a História da constituição da Infância; b) o trabalho docente na Educação Infantil; c) o crescimento e o desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos; d) a brincadeira na Educação Infantil; e) o movimento e o ritmo na Educação Infantil. O segundo ato tem um caráter de natureza prática, vivencial e de experimentação docente. Em cada uma das cenas são apontadas possibilidades de atividades/dinâmicas pedagógicas para serem desenvolvidas com as crianças, assim como possíveis variações e adaptações para a inclusão. As proposições de intervenções guardam relação com os temas apresentados no primeiro ato. Está dividido em seis cenas, que exploram questões como: a) ritmo; b) jogos e brincadeiras (2 cenas); c) fantasias e “o faz de conta”; d) circuitos de atividades motoras; e) *yoga* para crianças.

Na cena 1, “História da Educação Infantil: o lugar da criança”, os autores Magda Sarat e Ademir Gebara oferecem importantes referências tanto para o entendimento do processo

histórico que deu origem à nossa atual compreensão de infância, quanto para o processo de educação da criança que culminou na atual Educação Infantil. A entrada da mulher no mercado de trabalho e toda a conjuntura por trás desse fato formam o pano de fundo que fomentam as primeiras iniciativas de educação para crianças, que inicialmente assumem aspecto assistencial, para posteriormente darem lugar a experiências de cunho pedagógico e educacional. Para ilustrar a disponibilização tardia de programas de Educação Infantil no Brasil em comparação com outros países são apresentados relatos de memória de idosos que viveram aqui e em países como Espanha, Iugoslávia e Alemanha. Os autores concluem que um dos maiores desafios no âmbito da Educação Infantil nacional é a de atender a demanda de crianças que ainda se encontram fora da escola.

Em “Trabalho docente na Educação Infantil”, cena 2, Maria Nazaré da Cruz nos apresenta a complexidade das práticas educativas realizadas em creches, que ocorrem em contextos tensos e contraditórios, nos quais a dimensão do cuidado tanto se integra quanto se opõe à dimensão pedagógica. Diante dessa realidade e com base em seus estudos sobre o trabalho de professoras de Educação Infantil, a autora reflete como é construído o fazer docente, chegando à conclusão de que, para as professoras, trabalhar na Educação Infantil parece ser compreendido essencialmente como ensinar conteúdos determinados, pois seus discursos são marcados por um modelo de escola e por prescrições e coerções próprias da mesma, que interferem em sua identificação. O cuidado e a socialização parecem ser contrapostos às práticas escolarizadas de ensino de conteúdo. Em suas considerações finais a autora propõe que o professor de Educação Infantil, considere o cuidado como parte de seu trabalho e reconheça a relevância, para sua formação, do conhecimento teórico-prático sobre o desenvolvimento cultural da criança.

Na terceira cena, temos “Crescimento e desenvolvimento: um olhar a partir da Educação Infantil”, um ensaio de Ademir de Marco e Melissa Cecato de Marco que tem como intuito compreender as conceituações básicas de desenvolvimento humano, considerando que a criança aprimora seu comportamento a partir da interação com o mundo. Os autores citam referências teóricas clássicas como Vigotsky, Erikson, Gallahue, Ozmum e Piaget. Autores que estudaram o desenvolvimento das crianças sobre diferentes aspectos: social, psicológico, motor e biológico. Eles pontuam a importância de compreender o crescimento e desenvolvimento na Educação Infantil para além do biológico, propondo a necessidade do professor conhecer o que se passa nessa fase da infância, nas esferas psicológica, social e motora, levando em conta que a infância é um período de grande repercussão para vida adulta.

Em “O (não) lugar do brincar na Educação Infantil”, cena 4, Ida Carneiro Martins visa elucidar duas questões fundamentais acerca do brincar na Educação Infantil, quais sejam: a) Qual o lugar da brincadeira nesta etapa da educação básica b) Quais obstáculos e impedimentos para que tal atividade se estabeleça no cotidiano pedagógico? Para responder a estas questões a autora se apoia em dados obtidos em dois trabalhos, a saber: “As relações do professor de Educação Infantil com a brincadeira: do brincar na rua ao brincar na escolar”<sup>1</sup> e “A Brincadeira do Ano Inicial do Ensino Fundamental: o brincar da criança a mediação do(a) professor (a)”<sup>2</sup>. O estudo se desenrola a partir de fragmentos da fala das professoras, relacionadas a quatro eixos: a) condições físicas materiais para brincar; b) o brincar nas práticas educativas; c) as exigências do contexto educacional; e d) o brincar na constituição dos professores. A autora defende a ideia de formações coletivas desses professores a fim de juntos somarem esforços para superar as dificuldades que impedem que a brincadeira se efetive na escola.

A última cena do primeiro ato intitula-se “Movimento e ritmo: conviver e aprender com as diferenças desde a educação infantil”, no qual Roberta Gaio, Paloma Tavares Ferreira Rocha e Tatiana Pereira de Freitas propõem uma reflexão sobre a diversidade humana como condição fundamental para o ensino e a aprendizagem na Educação Infantil. Para tal exercício fazem uma contextualização da atual situação brasileira baseada nas leis e documentos que

1 Tese de doutorado defendida no ano de 2009, no Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE da Universidade Metodista de Piracicabana – Unimep.

2 Pesquisa iniciada em 2015 e que tem o apoio do CNPq e que apesar de tratar do ano inicial do Ensino Fundamental, traz relações com a Educação Infantil.

normatizam esta fase do ensino, sobretudo a mudança da LDB de 2013, que ampliou a oferta da educação obrigatória a partir dos 4 anos de idade. A situação econômica e política atual do país, a cultura e a família são aspectos abordados para na sequência discutir a criança e sua singularidade segundo tais aspectos. Ao final, as autoras defendem que o faz de conta e a fantasia são atributos da infância que podem representar para escola boas estratégias de ensino e aprendizagem.

A leitura desse ato tem por intuito explorar aspectos de base teórica da Educação Infantil. Situa o professor ou pesquisador da área sobre temas chaves para realização de um trabalho qualificado com as crianças, os quais são possíveis destacar: a) o conhecimento da história da educação na infância e das instituições que assumem essa responsabilidade; b) os desafios da formação discente no que se refere ao trabalho na Educação Infantil; c) a compreensão da criança sobre o ponto de vista do desenvolvimento e as dificuldades encontradas para efetivação do brincar como atividade central na educação infantil. Revela-se uma “tríade” interessante frente à configuração teórica de saberes fundamentais – movimento, ritmo e expressão corporal – para sujeitos envolvidos e interessados em seu trato pedagógico no âmbito da escola. Parece-nos razoável conjecturar, à luz das contribuições anteriormente mencionadas e que perfazem este “primeiro ato”, que de fato é necessário uma formação docente que dê conta de municiar o professor de conhecimentos que o auxilie em superar as tensões históricas entre educar e cuidar, compreendendo as particularidades da infância e suas demandas educativas em contraposição à lógica pragmática que atende as pressões exercidas por processos de “escolarização precoce”. Nossas convicções (provisórias) sinalizam que uma base teórica sólida recrudescer a formação docente para esta fundamental etapa da formação das crianças.

Outro ponto importante e circunstancial à análise desta primeira parte do livro, é de que é possível identificar uma sobreposição quanto à escolha do referencial teórico que os sustenta. A concepção de criança partilhada está ancorada em autores da Psicologia do Desenvolvimento. Tal preferência coincide com a adotada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), mas não se repete nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) e Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Como apontam Melo *et. Al.* (2016), ambos os documentos apresentam indícios de diálogos com a Sociologia da Infância. Ora, na Psicologia a preocupação é com o que ocorre “dentro” das crianças em seu desenvolvimento, mesmo que esse processo seja mediado na interação com o social; já na Sociologia da Infância focaliza o que se passa “entre” elas, direcionando a sua atenção para as produções advindas de suas culturas de pares. Logo, é necessário ampliar as perspectivas de compreensão sobre as crianças a fim de fortalecer o conhecimento produzido no campo dos estudos sobre Infância no interior da Educação Física.

O segundo ato se inicia com a cena 6, “Pintando o 7: o ritmo encanta a aprendizagem de movimentos na Educação Infantil”, no qual as autoras Roberta Gaio e Larissa Terezani desenvolvem um diálogo com a música Aquarela (composição de Toquinho e colaboradores), fazendo um cotejo entre a interpretação da letra e citações textuais de autores que a complementam. Nesse sentido oferecem uma tradução do que se espera do trabalho com o ritmo e o movimento da Educação Infantil. São exemplificadas como sugestões de atividades que contemplam ritmos, cantos, danças e gestos.

A cena 7 inscreve “Jogos e brincadeiras: a vivência do lúdico na Educação Infantil”, no qual Vivian Iwamoto faz uma imersão no universo dos jogos e brincadeiras. Destaca a contribuição de importantes autores como Kishimoto e Vigotski para essa discussão. Defende a presença do jogo na escola como componente educacional na Educação Infantil e pontua a necessidade do equilíbrio entre a função lúdica e educativa do jogo dentro da mesma. Oferece como contribuição, os jogos e brincadeiras com baixo nível de complexidade para serem desenvolvidas com crianças de 3 a 5 anos.

A cena 8 intitula-se “Upa, upa cavalinho... o faz de conta e o movimento da Educação Infantil”, escrito por Ida Carneiro Martins, Vany Zacharias, Elisângela Oliveira da Silva e Priscila de Lima da Silva. Inicialmente as autoras resgatam os fundamentos teóricos relativos ao desenvolvimento da criança e o jogo de faz de conta na Educação Infantil, se fundamenta em Vigotski e nos documentos que norteiam a Educação Infantil. Nesse sentido, a ação dos professores é

importante uma vez que eles passam a ser uma figura de referência que media as relações da criança com esse novo contexto ao qual ela passa a fazer parte: a escola. Como auxílio prático, são apresentadas algumas atividades para serem realizadas com as crianças imaginando um passeio no sítio a cavalo e outras situações, onde elas se percebem em diferentes contextos de atuação.

A nona cena é “O movimento e o brincar na Educação Infantil” de Bianca Granzoto e Tamara Aretta Mauerberg Teche de Farias. O texto aborda as relações entre o movimento e o desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. No que diz respeito à brincadeira, Vigotsky e Kishimoto são referências centrais no reconhecimento da importância da mesma na construção do conhecimento na Educação Infantil. Na forma de sugestão de atividades são descritas brincadeiras criativas e que exploram o movimento.

Em “O circuito na Educação Infantil: o corpo lúdico”, cena 10, Mônica de Ávila Todaro e Margarete Bertolo Boccia se posicionam acerca das concepções de Corpo e de Movimento. Defendem a ideia de que o circuito pode ser uma atividade lúdica adequada às crianças da Educação Infantil a partir do eixo de trabalho “Movimento”. Para fundamentar essa proposição utilizam-se das ideias do psicólogo francês Henri Wallon. Ao final ilustram propostas de circuitos que podem ser aplicados com crianças de 8 meses a 5 anos de idade.

A última cena denomina-se “Yoga para crianças: uma semente de vida”, na qual Neide de Oliveira Campos Quintana propõe uma diferente e interessante experiência com Yoga, conhecimento milenar que tem por intuito unir mente, corpo, sentimento e ação. Sua proposta de trabalho com as crianças se baseia numa metodologia do Yoga, no qual os conteúdos das histórias contadas em aula evidenciam os preceitos universais dessa prática oriental. Como aporte vivencial é indicada uma aula elaborada com a história do boi da cara preta, inspirada na cantiga de ninar, no qual no decorrer da história são apresentadas as posturas a serem reproduzidas pelas crianças.

As propostas de aulas sugeridas nesse segundo ato são focadas no brincar, tomando a ludicidade e a imaginação como os temas imprescindíveis na formação de crianças pequenas, mas que ainda encontram resistência no interior da própria Educação Infantil. Grande parte dessa resistência reside no fato de que a brincadeira é encarada como uma atividade de passatempo e que não acrescenta conhecimento à criança. Mentalidade que nos parece equivocada, uma vez em que o brincar possui significados importantes no contexto infantil (RODRIGUES, 2016). A brincadeira deve abrir portas para o potencial imaginativo da criança, estimulá-la a fazer conexões, a movimentar o corpo com significados. Em contrapartida, atividades que estimulem a passividade, como assistir televisão e brincadeiras excessivamente diretivas devem ser relativizadas. Rodrigues (2016) alerta para o fato de que as relações entre o brincar e o pensar são elementos que passam despercebidos por pais e, as vezes, por professores, pois podem não estar atentos aos cuidados educacionais que se deve ter no desenvolvimento do pensamento da criança e em sua inserção no campo da cultura.

Aos interessados especificamente nesta segunda parte do livro e que possui uma abordagem mais “empírica”, ressaltamos a capacidade de articulação entre a prática pedagógica e a necessidade do reconhecimento de uma sensibilidade particular das crianças frente ao tomar contato com o mundo por meio do brincar. Nesse sentido, é relevante reconhecer o que as crianças têm a nos ensinar no que se refere a certa imersão na fantasia e num mundo imaginativo, produzido em face à exploração do movimento, do ritmo ou da expressão corporal que são identificadas pelas próprias crianças. Tudo isso sem necessariamente solicitar tantos direcionamentos, supostamente pedagógicos, da parte de professores. Salvo, obviamente, se tais mediações pedagógicas observarem a ampliação do desenvolvimento “daquela” fantasia ou do se “fazer presente” no mundo de imaginação das crianças. Trata-se assim, de uma prática pedagógica do imponderável, o que nos desafia enquanto educadores da Educação Infantil.

Ao “fechar as cortinas”, as organizadoras fazem um convite ao leitor para pôr em prática as ideias resultantes das reflexões propostas e das sugestões de atividades apresentadas ao longo da leitura do segundo ato. Fato que corrobora as nossas expectativas de que o livro possui potencial para ser um ótimo auxiliar na formação inicial e continuada de professores.

## Considerações Finais

O livro cumpre com o propósito de contribuir com a inserção de movimento, ritmo e expressão corporal na Educação Infantil, aspectos importantes à prática pedagógica da Educação Física. Entretanto, em parte está ausente uma discussão de corpo do ponto de vista sociológico articulado à infância. De todo modo, isso não diminui o valor heurístico da obra, ao contrário, reforça para a necessidade de ampliação de estudos e pesquisas que favoreçam o adensamento teórico em torno da temática. Na esteira desse entendimento, percebemos que há uma longa jornada acadêmico-científica que favoreça e fundamente o trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil (MOURA; COSTA; ANTUNES, 2016). As incertezas percebidas há vinte anos por uma das pioneiras nesta temática, a professora Déborah Thomé Sayão, permanece nos desafiando enquanto professores e pesquisadores. Os “riscos, conflitos e controvérsias” (SAYÃO, 1999) talvez ainda sejam os limites ora postos. Nesse sentido, saudemos a coragem de Ida e Roberta, que por ocasião de “No palco da infância” deram sua contribuição.

## Referências

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista Educação Física**, São Paulo, supl.4, p. 53-60, 2001.

CAVALARO, Adriana Gentilin; MULLER, Verônica Regina. Educação Física na Educação Infantil: uma realidade almejada. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 25, n. 34, p. p. 241-250, ago. 2009.

MARTINS, Ida Carneiro; GAIO, Roberta. (Org.). **No palco da infância: movimento, ritmo e expressão corporal na Educação Infantil**. Curitiba: CRV, 2017.

MELLO, André da Silva et al. A educação infantil na Base Nacional Comum Curricular: pressupostos e interfaces com a Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 130-149, set. 2016.

MOURA, Diego Luz; COSTA, Kamilla Ribeiro Nunes; ANTUNES, Marcelo Moreira. **Educação Física e Educação Infantil**: uma análise em seis periódicos nacionais. *Pensar a Prática*, [S.l.], v. 19, n. 1, mar. 2016.

RODRIGUES, Rogério. A educação infantil e os (im)possíveis enlacs no campo escolar: os enredos na passagem entre o brincar, o aprender e o educar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 102-112, set. 2015.

SAYÃO, Débora. Educação Física na Educação infantil: Riscos conflitos e controvérsias. **Motrivivência**, n. 13, p. 221-236, 1999.

\_\_\_\_\_. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002.

Recebido em 25 de janeiro de 2020.

Aceito em 20 de abril de 2020.